



Metrópole

o dia

Domingo, 2/agosto/2009

Editor (interino): EDSON COSTA
jornalodia@jornalodia.com.br
(86)2106-9941

Escritores da terra do sol

Em 25 de julho, comemorou-se o Dia Nacional do Escritor. A data homenageia os autores piauienses que, ao longo de um século de literatura, marcam seus nomes na história através de célebres obras.

PÁGINAS 4 e 5





ECHOS DA CHAPADA

Cineas Santos

Das coisas que me fazem falta

Para Graça Silveira

Fui um menino sertanejo, e vida de menino sertanejo, pelo menos no meu tempo, era quase sinônimo de carências. Na verdade, nos faltava quase tudo: alimentação adequada, água tratada, médico, dentista, escola, livro, brinquedo...

quem eu deveria ter me apaixonado logo na primeira infância. Decididamente, não levei sorte com professoras.

Dona Purcina, que só estudou três meses em toda a existência, aprendeu o suficiente para desasnar os filhos no sertão do Caracol. Adepta da dolorosa "pedagogia do rebolo", a cada resposta errada, um cascudo caprichado. Persistência no erro: bolo de palmatória. Tinha tal obsessão pelo "estudo" que chegou a se sacrificar para pôr os filhos na escola.

No Grupo Escolar Pe. Domingos da Conceição, em S.R. Nonato, a situação não mudou muito: minha primeira professora, uma matriarca sertaneja, adentrava a sala de aula com a caderneta numa das mãos e

com a palmatória de aroeira na outra. Certo dia, diante das traquinices da turma, atirou o instrumento de tortura com tal violência que, não atingindo o alvo (minha testa), arrancou um pedaço do reboco da parede da sala. Não tivesse eu alguma agilidade, ter-se-ia encerrado ali, de maneira tragicômica, a minha carreira artística.

No vetusto Ginásio Dom Inocêncio, não tive melhor sorte. Numa chatíssima aula de português, enquanto a professorinha, que tinha o hábito de falar escandindo as sílabas, tentava vamente enfiar, em nossas cabeças de bagre, a diferença entre vocativo e aposto, eu me deleitava lendo "As Proezas de João Grilo". Irritada, a professora arrancou-me o folheto das mãos e o atirou pela janela. De quebra, fez o seguinte comentário: "Custa crer que um aluno de 3ª série perca tempo lendo uma baboseira dessas onde só se aprende vulgaridade e bobagem". Fiquei muito mal na fita.

No velho Liceu Piauiense, em Teresina, uma professora de Biolo-

gia, que mal se sustinha com suas perninhas finas sobre um salto 16, me chamou de "apedeuta". Só não me senti mais humilhado porque nenhum dos colegas (nem eu) sabia exatamente se aquilo era xingamento ou elogio. Mas pelo tom...

Até na universidade não levei sorte: tive apenas duas professoras. Uma era louca de varrer caminhos; a outra, uma matraca de procição do Senhor morto: falava tanto que me dava cáibra nos tímpanos.

Todas essas lembranças me ocorreram ao ver, na semana passada, uma professorinha, linda de viver, tentando amansar um diabinho hiperativo, que não consegue ficar quieto nem dormindo. A professora se desdobrava em atenção, carinho, zelo. Ao ver aquela torrente de ternura regando chão estéril, pensei comigo: tive sorte, muita sorte. Com uma professora desse quilate, eu não teria saído do jardim da infância nem a pau. Teria adentrado a senescência repetindo: Ivo viu a uva, Ivo viu a uva, Ivo viu a vulva...



A princesa mora num castelo lindo e tem um batalhão para fazer tudo o que deseja. Já o menininho, vive as melhores aventuras com os amigos e sempre tem tempo para aprontar muitas peripécias. Do lado de fora da tela, nossos filhos.

Desde quando nós éramos crianças, diziam que a imaginação é um terreno fértil que precisa ser cultivado, pois, pode render excelentes frutos. Concordamos com isso plenamente e contribuimos contando histórias e mostrando aos pequenos que existe muito mais coisas além das superfícies óbvias de uma dada "realidade".

No entanto, a magia parece rondar nossos filhos de uma maneira muito mais forte atualmente. Sempre rodeados de personagens fantásticos, as crianças em alguns momen-

M3 - MULHER, MÃE, MODERNA

Clarissa Carvalho e Elizângela Carvalho

Aprender e brincar, sempre

tos parecem se descolar quase completamente do que seria a nossa realidade, o que nos deixa muito intrigadas. Será uma fase passageira? Natural em certas idades? É melhor assim, afinal, são crianças? Talvez.

Muitos pedagogos, por exemplo, estão orientando pais e mães a estimular as crianças a participar de brincadeiras em grupo e que reproduzam situações do cotidiano. Brincando com os vizinhos, com jogos tradicionais de tabuleiro ou mesmo brincando de casinha, as crianças

poderiam se distrair ao mesmo tempo em que percebem melhor a dinâmica real da vida.

Uma professora da Faculdade de Educação Física da Unicamp que trabalha com crianças, defende que as brincadeiras também são importantes para mostrar os comportamentos das crianças na hora de dividir brinquedos, negociar regras, dar opiniões, expressar sentimentos ou convidar amigos para brincar. "O jogo intensifica o contato com o mundo e as ações da criança expressam

sentimentos, desejos e valores que ela ainda não diz por relatos verbais", explica Giovana Del Prette, doutoranda em Psicologia pela USP, na área de terapia infantil.

Além disso, por mais que pareça cobrança precoce, parece importante sim que os filhos possam observar nosso dia a dia para que tenham referenciais reais. Dizem que educar é dar exemplo, portanto, mais do que nunca é importante levar os filhos para conhecer nosso local de trabalho, as atividades que nos tiram de casa e da convivência deles e, principalmente, a seriedade com que determinadas questões devem ser tratadas desde cedo.

Nossas mães sempre disseram que o maior desafio não é parir, mas preparar os filhos para enfrentar o mundo.



POLIVOX

Marcelo Costa
polivox@jornalodia.com.br - (86) 2106-9924

CINEMA

Saindo do gelo

Durante muito tempo, a boa animação era somente os clássicos da Disney, até a chegada da revolução da animação. A esta mudança, que até a própria Disney já experimentou deste prato, nós devemos muito. Um dos bons exemplos é "Os Incríveis", do diretor Brad Bird e que passou recentemente na TV. O Sr. Incrível e sua família vivem uma aventura que é ao mesmo tempo uma sátira ao mundo dos super-heróis e um filme bem animado. Mas na verdade um dos exemplos que mais me anima é justamente a Era do Gelo, do brasileiro Carlos Saldanha. E não são os efeitos especiais, nem a tecnologia de produção suas principais qualidades. O maior destaque mesmo vai para a qualidade do humor, talvez por uma certa "brasilidade" dos personá-



gens. A malandragem sadia de Sid é uma das coisas legais deste filme. E com a voz do ator Tadeu Mello (A Turma do Didi) tornou-o ainda melhor. Nesta terceira aventura Manny e Ellie estão à espera de seu primeiro filho. Sid sequestra alguns ovos de dinossauro, o que faz com que passe a ter sua própria família adotiva. Só que o roubo faz com que se meta em apuros, obrigando Manny, Ellie e Diego a entrarem em um mundo subterrâneo para resgatá-lo.

LIVRO



Beber, Jogar, F@#er

Em Beber, Jogar, F#Aer, Bob Sullivan, traído e abandonado por sua mulher, parte em uma jornada em busca da felicidade - e da liberdade. Desiludido, Sullivan nos convida a acompanhá-lo em farras homéricas e algumas confusões com que todo homem sempre sonhou: encher a cara na Irlanda, apostar até as calças em Las Vegas, e dar asas a seus desejos proibidos na Tailândia. A única regra é não ter regras.

MÚSICA

Pequeno Cidadão

Arnaldo Antunes e Edgar Scandurra são duas das mentes mais "pertubadas" e criativas do mundo musical brasileiro da atualidade. Arnaldo, ex-Titãs, é autor de 13 livros e desde 1993 começou sua carreira solo com o disco Nome. Edgar tem uma extensa carreira com o Iral, mas também tem uma carreira solo com cinco discos. Esses dois juntos só poderiam sair com algo, digamos, bem diferente e de qualidade. Arnaldo Antunes, Edgar Scandurra, Taciana Barros e Antonio Pinto brincam de ser crianças em cima de um palco ao apresentarem 14 canções, um trabalho rotulado por seus autores como "Música Psicodélica para Crianças", com estilos que vão do pop ao forró.



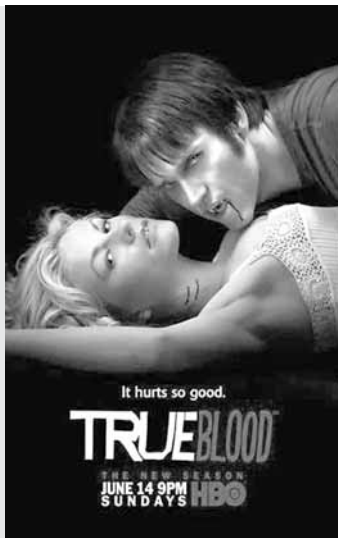
REVISTA



Eu Sou Legião

O roteirista francês Fabien Nury e John Cassady (Planetary) montaram este thriller cheio de intrigas e espionagem. Nele um misterioso experimento pode mudar todo o andamento da história em pleno andamento da Segunda Guerra, podendo até dar vitória a Adolf Hitler. Tudo isso acontece bem no auge do poder dos nazistas, logo após suas primeiras vitórias em Stalingrado e no pacífico, o que dá uma força ainda maior a aventura.

VÍDEO



True Blood

Acaba de começar a segunda temporada de True Blood. A série conta a história de uma pequena cidade em que vampiros convivem normalmente com pessoas comuns graças ao sangue artificial chamado de True Blood. Com o tempo começasse a perceber que esse relacionamento não é tão normal assim.



O Casamento de Rachel

Kym volta para a casa da família Buchman para presenciar o casamento da sua irmã Rachel. Ela chega com um longo histórico de crises pessoais, conflitos familiares e um tanto de tragédia. "O Casamento de Rachel" é um retrato de família atento, sensível e, por vezes, engraçado.



Ruas de Sangue

Cinco policiais e um psicólogo da polícia iniciam a investigação do assassinato de um colega, que ocorreu durante a passagem do furacão Katrina. Assim, eles descobrem um esquema de corrupção e são obrigados a enfrentar as consequências do furacão.

PRÓXIMA PARADA

Editora: Nildene Mineiro - jornalodia@jornalodia.com.br - (86) 2106-9924

Misticismo nas alturas

Para chegar ao local é preciso pegar trem, andar de ônibus e fazer longas caminhadas

Blá Boakar!
REPÓRTER

Se a taxa de câmbio não está convidativa, que tal conhecer as belezas da América? Uma opção que reúne turismo, misticismo e cultura é Machu Picchu, onde milhares de pessoas embarcam em pequenos ônibus ou a pé em busca das famosas ruínas.

Para chegar até lá não é tão fácil. Primeiro é preciso pegar um trem em Águas Calientes,

no Peru, até a porta do sítio arqueológico para, só então, seguir em grupos – sempre acompanhados por guias. Mas vale a pena. Machu Picchu se ergue a 2.350m de altitude com um vale de cada lado: o Urubamba, 600m abaixo, e do outro lado o monte Waynapicchu.

Machu Picchu em si começou a ser construída em 1438, quando os incas eram comandados por Pachacutec, e acredita-se que a área era um

lugar onde as pessoas estudavam ou uma cidade na qual a nobreza se acomodava. Sua área total soma 326 quilômetros quadrados, e foi abandonado pelos incas em 1532, já que quando os espanhóis chegaram, a cidade estava totalmente desabitada.

Para os habitantes locais, a explicação mais plausível é que, por conta de uma epidemia de febre amarela, todos os moradores da cidade fugiram para a floresta e na hora de

voltar, perceberam que os espanhóis iriam descobrir o local sagrado. Por isso, os incas colocaram pedras na porta da cidade e partiram.

Segundo sites de turismo, Machu Picchu é dividida em três partes. Imagina-se que a agrícola, que fica logo à esquerda de quem entra, é formada por grandes terraços para plantação e encimada por uma casinha, era usada para garantir a segurança do sítio. Quem vem pela trilha inca

chega por um ponto acima dessa casinha.

A parte dos nobres e dos sacerdotes fica mais adiante. Ali há palácios, observatórios, templos e casas. Embora os guias contenham histórias e deem mil explicações, muitas vezes nada substitui andar com calma para poder observar os detalhes sem ser imediatamente informado de que aquilo era supostamente uma cama, um altar ou um relógio de sol.

Divulgação



ÚNICO Construções surpreendentes e belezas naturais

Arquivo pessoal

EU FUI...

Clarissa Carvalho*

Volta e meia a imprensa mundial divulga que Machu Picchu será fechada pelo risco de ruir devido à excessiva visitação. Motivados pelo senso de urgência em conhecer a cidade secreta dos Incas, meu marido, Leonardo, e eu organizamos um roteiro que incluía Copacabana e Tiahuanaco, na Bolívia, e, no Peru, Puno, Cusco e Machu Picchu, que seria o ponto alto da viagem. Nosso itinerário foi planejado para sairmos de La Paz, capital da Bolívia, por terra, visitando essas cidades e, claro, aproveitando a travessia do lago Titicaca, que divide os dois países.

Existem duas maneiras de se chegar a Machu Picchu: de trem ou a pé. Existe apenas uma maneira correta de se chegar à cidade secreta dos Incas: a pé. E assim fizemos. O chamado Caminho Sagrado (como é conhecida a caminhada de dois dias) não exige muito esforço físico, embora no dia seguinte cada músculo do corpo reclame de tanto sobe e desce em pedras. Mas o ritmo da caminhada não é dos mais puxados, nem mesmo para uma sedentária como eu. O famigerado soroche, ou mal da montanha, que acomete pobres mortais que não estão acostumados a tamanha altitude, pode sim ser um problema. Vômitos, sensação de cabeça pesada e falta de ar são sintomas comuns nos primeiros dias para quem não está acostumado a respirar um ar tão rarefeito. Por isso esperamos alguns dias antes de encarar a caminhada.

A caminhada começou no quilômetro 104 da trilha, com um guia e seu inseparável tudo de oxigênio (que ao contrário das sombrias previsões do meu marido, não foi usado

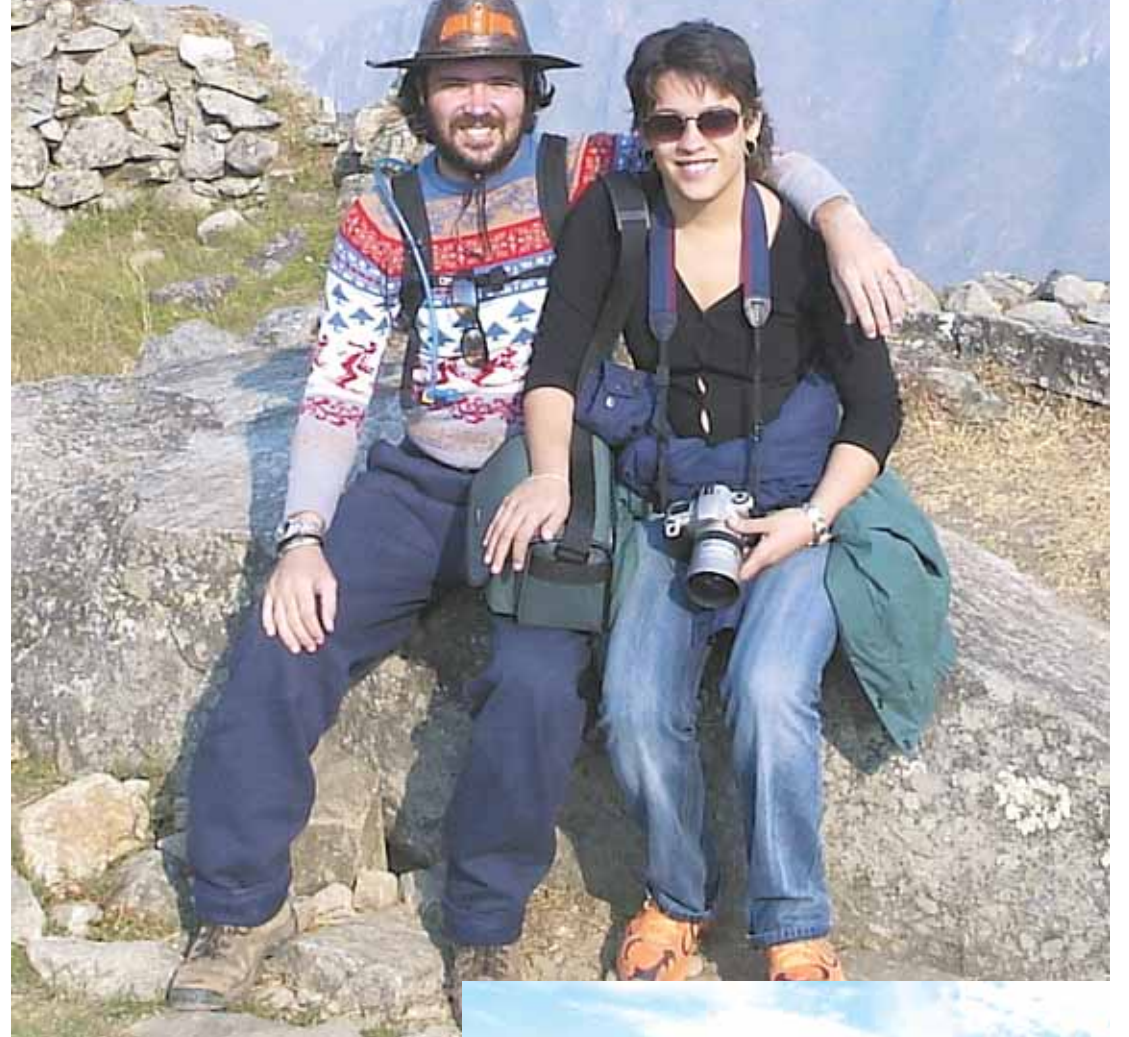
por mim). Difícil descrever as paisagens pelas quais caminhamos sem cair no clichê de chamá-las de cartões postais. O ritmo lento dos passos se faz necessário não só pelo terreno montanhoso, mas também pelo impulso frequente de parar e admirar.

A chegada a Machu Picchu foi, sem dúvida, um dos momentos de maior emoção da minha vida. Avistar a Cidade Secreta dos Incas depois de uma longa caminhada é muito mais que um prêmio. Existe um aspecto divino nessa primeira visão que, embora batida, adquire um novo significado naquele momento. É como ver o rosto do filho que, enfim, saiu da barriga.

Não sendo muito chegada ao misticismo, era de se imaginar que eu não ficasse impressionada com Machu Picchu. Ao contrário, tive que rever meus conceitos: existe ali uma energia que pra mim permanece inexplicável. Por isso não faria sentido chegar até lá em um trem, descer, conhecer e voltar, como se fosse um drive-through de shopping.

*Professora universitária.

EXPERIÊNCIA
Clarissa Carvalho e o marido, Leonardo, em Machu Picchu



Arquivo pessoal



Divulgação

MACHU PICCHU



LITERATURA

Pelas veredas da escrita piauiense

Romancistas, poetas, contistas, ensaístas ou críticos literários. Ao longo de mais de um século, o Piauí é berço de exímios escritores. O reconhecimento, no entanto, ainda é mérito da minoria deles.

Edson Costa
EDITOR DO METRÓPOLE

H. Dobal e Assis Brasil. Dois dos maiores escritores piauienses carregam em suas trajetórias um ponto em comum. Ambos precisaram deixar as terras natais para receberem o reconhecimento pela produção literária. Só depois de conseguirem o mérito em outras regiões do Brasil e, já idosos, é que voltaram para as cidades onde nasceram. Mesmo com todo o incentivo que ao longo dos anos tem sido dado à literatura no Estado, o mesmo destino de Dobal e companhia ainda se aplica a parte dos autores piauienses que almejam projeção. Em virtude disso, o último dia 25, quando

se comemorou o Dia Nacional do Escritor, foi pouco festejado por aqueles que ganham – ou perdem, diante do pouco retorno – a vida dedicando-se ao ofício da escrita.

O Piauí, há mais de um século, vem sendo o berço de escritores de prestígio como Torquato Neto, Mário Faustino, Fontes Ibiapina, O.G. Rego, Abdias Neves, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Clóvis Moura, Carlos Castello Branco, Alvina Gameiro, Assis Brasil, H. Dobal, entre tantos outros que ao longo de gerações consolidaram uma vasta e rica literatura regional. Apesar disso, muitos dos auto-

res ainda não recebem a devida atenção por parte do público ou, pior, não ganharam edições posteriores de seus livros desde o lançamento, ficando relegados ao passado e inacessíveis aos que hoje se interessam em lê-los. É o caso de um dos primeiros poetas piauienses que se tem registro, Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco. Um exemplar de seu livro “O Impio Confundido”, editado em 1837, foi encontrado em uma biblioteca de Portugal e trazido para o Piauí, mas nunca foi reeditado.

Viver apenas da escrita é uma realidade que poucos podem desfrutar no Piauí – e também no Brasil. Membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado e escritor remanescente da “geração de 45”, Paulo Nunes afirma

que atualmente só escreve por dilettantismo. “A literatura é muito vulgarizada. Eu mesmo não me considero um escritor, pois não consigo viver da profissão”, diz. Os livros publicados por Paulo, como o que escreveu recentemente sobre Graciliano Ramos, são custeados pelo próprio escritor e visam a satisfazer um desejo seu, e não gerar um retorno financeiro.

As dificuldades em levar a escrita como profissão estão enraizadas no pouco valor que o país destina à educação e ao consumo cultural. Somado a isso, existe a insegurança e o receio das editoras de livros em investir em novos autores, algo que, no Piauí, tem dificultado a renovação do quadro de escritores. “Nós temos novos autores, mas, antes de serem consagrados, é

necessário que recebam visibilidade”, critica o poeta, contista e historiador Paulo Machado, pertencente à geração de 70. Ele cita como bons escritores, mas ainda sem o prestígio merecido, o contista e novelista Airton Sampaio, o poeta e crítico literário Wadson Lima, o também crítico literário Carlos Evandro, entre outros que possuem uma produção razoável, mas que se encontra estocada pela falta de apoio e divulgação.

Diante dos altos custos para se financiar um livro e da dificuldade em encontrar editoras interessadas, os autores piauienses têm saído do anonimato a partir de concursos de literatura e editais de estímulo à cultura oriundos de instituições como a Fundação Municipal Cultural Monsenhor Chaves e a Fundação Cultural do Piauí. Foi o que aconteceu com o professor de literatura e escritor Adrião Neto, que foi contemplado pelo Edital 2009 do Sistema de Incentivo à Cultura (Sic), e terá a publicação do livro “Raízes do Piauí” patrocinada pelo Estado. “Não é a primeira vez que recorro a um edital para conseguir publicar uma produção minha. Em 2001, ganhei o prêmio Fontes Ibiapina em um concurso em nível nacional, e pude lançar o romance “A Conquista do Maranhão”, relata.

Na era das mídias digitais, outro caminho encontrado pelos autores para dar visibilidade a suas obras é disponibilizar as produções, mesmo obras completas, na internet, através de blogs, sites ou redes de relacionamento. Dessa maneira, é possível democratizar o acesso aos livros, que em virtude dos preços ainda são considerados como produtos elitizados.

O autor Airton Sampaio possui três livros publicados. O primeiro, “Painel de Sombra”, foi bancado pelo próprio escritor. O segundo, “Contos da Terra do Sol”, recebeu apoio da Editora da Universidade Federal do Piauí. O terceiro, “Sob um Céu Azul-trigrino”, foi publicado através de um concurso literário que ganhou. Agora, Airton pensa em lançar sua próxima obra diretamente na internet e distribuí-la através de CDs. “Acredito que o livro nunca vai morrer, mas as novas mídias são o futuro, e ajudam a democratizar o acesso às obras literárias”, pensa.

Edson Costa/O DIA



PAULO NUNES Remanescente da geração de 45, o escritor participou da revista “Meridiano” juntamente a O.G. Rego e H.Dobal. Hoje, edita a “Presença”

Geléia geral na imprensa brasileira



MÁRIO FAUSTINO

As páginas de grandes jornais impressos nacionais serviram de vitrine para o talento e a criatividade de exímios escritores piauienses. Em períodos históricos como a ditadura militar, alguns deles se destacaram por encontrar no jornalismo literário uma maneira de burlar a censura, criticar o regime vigente e incitar a população do país a refletir sobre as condições políticas. Torquato Neto, Mário Faustino e Carlos Castello Branco foram alguns dos nomes que compuseram esse contexto.

Poeta, compositor, jornalista, cineasta e participante de diversos movimentos de contracultura, Torquato Neto assinou na década de 70 a coluna Geléia Geral, no jornal Última Hora. O título vinha de uma composição homônima, onde o escritor criticava, a partir da ironia e de um jogo de palavras, o furor patriótico e ufanista que o regime militar tentava soerguer no país. “Nos textos publicados na coluna, Torquato fazia uso de um jornalismo cultural ágil, que rompia com a linguagem até então usada na imprensa brasileira, tornando a informação mais rica e mais acessível a um público jovem”, explica o historiador Paulo Machado.

Além das críticas que tecia contra

a ditadura, a coluna Geléia Geral também servia para que Torquato manifestasse sua opinião sobre manifestações culturais da época. Foi no seu espaço no jornal Última Hora, por exemplo, que o poeta da Tropicália insurgiu contra a tendência vigente do movimento do Cinema Novo, de Glauber Rocha, e apoiou o Cinema Marginal.

Anos antes de Torquato figurar no Última Hora, outro escritor piauiense já trabalhara em um famoso impresso da época, o Jornal do Brasil (JB). Mário Faustino assinou, entre 1956 e 1959, a página do Suplemento Dominical do JB chamada de Poesia-Experiência, dedicada à crítica literária. No tempo em que se dedicou à atividade, não poupou autores que àquela época já despontavam dentro do cenário literário nacional, como foi o caso de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Além da verve crítica, Mário Faustino utilizava o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil para informar o leitor sobre autores de outros países que não eram tão acessíveis. Poliglota (falava inglês, francês, italiano, alemão, espanhol), o poeta nascido em Teresina lia obras de escritores como Ezra Pound, traduzia,

transcrevia trechos e fazia análises. Fora o Jornal do Brasil, Mário chegou a fazer estágios em jornais norte-americanos durante o período em que trabalhou na ONU (Organizações das Nações Unidas).

Personalidade que nomeia a biblioteca da Universidade Federal do Piauí e talvez um dos escritores piauienses mais lembrados quando o assunto é jornalismo, Carlos Castello Branco se destacou como um dos mais notórios jornalistas de política do Brasil. Trabalhou na imprensa nacional durante quase meio século, tempo em que atuou como analista político. Um dos diferenciais do piauiense, natural de Teresina, era a capacidade aguçada de antecipar alguns acontecimentos no cenário político. “Carlos Castello Branco conseguia interpretar os fatos de tal maneira que pudesse prever os desdobramentos”, considera o escritor Paulo Machado, que dedicou a crônica Réquiem, publicada no Correio Corisco em 2003.

O talento de Carlos Castello Branco e o sucesso de sua coluna no Jornal do Brasil foram objetos de inúmeras homenagens por parte de nomes como Alberto Dines, Élio Gaspari, Otto Lara Resende, entre outros pilares da imprensa



A coluna Geléia Geral também servia para que Torquato manifestasse sua opinião sobre manifestações culturais da época.

nacional. Dines, em artigo publicado no Caderno Especial Idéias do Jornal do Brasil, em 24 de junho de 2000, referiu-se à coluna do jornalista piauiense da seguinte maneira: “Foi um sucesso a partir do primeiro dia. Castello encontrou imediatamente a entonação apropriada – informação de bastidores combinada à análise personalizada, distanciamento crítico e malícia. Tudo isso num estilo enxuto e alicante. O leitor saía da primeira página e, em seguida, mergulhava no emaranhado da política explicado por um escritor de talento”.



ASSIS BRASIL Com 120 publicações, o autor continua escrevendo livros. Lançou recentemente "A Vida não é real" e, até o final do ano, publicará "A cura pela vida ou a face obscura de Allan Poe"

A lenda viva

As várias gerações de escritores

Se Clodoaldo Freitas, Fontes Ibiapina, e outros eminentes escritores piauienses agora sobrevivem nas páginas que escreveram e nas memórias que deixaram, o parnaibano Assis Brasil é uma relíquia viva da boa literatura piauiense. Com 77 anos, continua tão ativo quanto outrora. A prova disso é que não abandonou o ofício que desde o final da década de 60 o mantém: a escrita. O autor tem 120 obras publicadas e nem por isso parou a caneta, aliás, a máquina de escrever – até hoje Assis usa o instrumento. O último de seus livros, "A Vida não é real", foi lançado recentemente, e o parnaibano já pretende presentear seus admiradores com o romance "A cura pela vida ou a face obscura de Allan Poe" este ano.

Assis Brasil ostenta um mérito que poucos escritores do Piauí, por maiores que tenham sido, possuem: viver apenas da literatura. Desde 1965, quando ganhou pela primeira vez o prêmio Walmap, com o livro "Beira Rio Beira Vida", o escritor consegue manter suas despesas apenas com a renda obtida com a venda de livros e os direitos autorais dos mesmos. Mas nem sempre foi assim. Quando mudou-se para o Rio de Janeiro,

em 1950, Assis chegou a trabalhar como comerciário, auxiliar de escritório e, só depois, como jornalista e escritor. Nunca passou necessidade, pois, segundo diz, tinha "uma boa formação cultural", algo que sempre abriu portas e oportunidades para onde quer que fosse.

"Já na infância, antes de aprender a ler, eu já tinha contato com a literatura, pois meu pai e minha mãe liam muito para mim. Também tive a sorte de receber uma boa base em outras áreas da cultura, como música e pintura", conta Assis Brasil, explicando que o contato com as diversas manifestações de arte desde a tenra idade foi fundamental para a aptidão e o gosto pela escrita.

Além das diretrizes culturais, outro fator pode ser vinculado ao talento de Assis para a literatura. O autor de "Tetralogia Piauiense" teve a oportunidade de conhecer diversas regiões do mundo durante o ano de 1976, quando viajou por quase 67 países. O período, considera Assis, ajudou-o a assimilar e ter contato com diferentes culturas. "Visitei vários museus e li muitos livros sobre a concepção da arte. Tudo isso eu levei para a minha literatura", revela.

UM HOMEM DE SORTE

Na bem sucedida trajetória que percorreu no mundo literário, em contrapartida a autores piauienses tão talentosos quanto, Assis Brasil também contou, não nega, com a sorte. Para conseguir o primeiro livro publicado – geralmente o maior obstáculo para os iniciantes –, o escritor não necessitou passar por tantas peripécias como outros autores. "Um colega me viu escrevendo um livro e perguntou se eu pretendia publicá-lo. Disse que sim. O mesmo amigo falou que o pai de sua noiva trabalhava em uma editora de livros. E naquela ocasião tive a minha primeira obra lançada", narra. Para as publicações posteriores, Assis conta que até hoje faz a mesma coisa: escreve, pega os originais e vai a uma editora cuja linha de publicação seja relacionada à da obra que escreve.

Entrevistado na véspera do Dia do Escritor, Assis Brasil confessou que não se lembrava da data. "Ninguém liga. Ninguém ouve falar", justifica. "Poucos levam a escrita como uma profissão. Na minha própria família, quando há alguma coisa para fazer, dizem: 'Passa para o Assis, ele não faz nada mesmo'", brinca o autor. Mesmo com a pouca valorização e a concepção equivocada que se tem de um escritor, Assis consegue o estímulo necessário para prosseguir tendo sempre em vista que a escrita lhe propicia a busca pelo saber, por algo que não se conhece. "A arte nos satisfaz não pelo racional, mas pelo sensível", finaliza.

Os escritores piauienses estão dispostos em seis gerações culturais, segundo uma organização feita pelos professores Paulo Machado e Airton Sampaio. A primeira é datada de 1850 e a última iniciada em 1990.

Um dos períodos mais profícuos de escritores piauienses foi a década de 40, quando surgiu a denominada "geração de 45", composta de escritores como H. Dobal, O.G. Rego, Fontes Ibiapina, Clóvis Moura e Paulo Nunes. Seguindo as características de escritores nacionais pertencentes à mesma geração, os autores piauienses tinham entre suas preocupações a linguagem, "mais cuidado com a forma e com o estilo", como destaca o remanescente do movimento e membro do Conselho de Cultura do Estado, Paulo Nunes.

Sucedendo o "romance de 30", cujos autores visavam a discutir, criticar e promover o debate sobre temas sociais, como a seca no Nordeste, a geração de 45 do Piauí abordou, através do realismo crítico, questões sociais tangentes ao Estado. O escritor Franklin Tavares, por exemplo, escreveu importantes obras sobre o cangaço no sertão piauiense, além do livro "Ciclo da Maniçoba", que destaca a economia regional.

Em todo o país, os escritores da Geração de 45 se reuniram em grupos para escrever revistas de literatura. No Rio de Janeiro, surgiu a "Orfeu"; no Rio Grande do Sul, a "Quixote"; no Ceará, a "Clã", e, no Piauí, a "Meridiano". "A revista era dividida de acordo com a especialidade de cada um dos colaboradores. Eu era encarregado da crítica literária, o Dobal da poesia, e O.G. Rego da prosa", rememora Paulo Nunes, que hoje está à frente de outra publicação dedicada à literatura, a revista Presença.

Outra geração de escritores piauienses de destaque foi a da década de 60 que, entre as características principais, contou com o engajamento contra o regime militar. Assis Brasil, que à época era editor do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, foi um dos escritores de grande importância para a promoção da conscientização política e para a crítica contra o regime militar.

NOVOS AUTORES

À época, com 23 anos e aluno de História da Universidade Federal do Piauí, Waldílio Siso teve a oportunidade de publicar seu primeiro livro a partir do concurso municipal Novos Autores, que existe há 15 anos em Teresina. "Casimira Quietinha" foi o título de sua publicação, escrita no estilo de teatro de cordel. Até então, o autor nunca sonhara em ter, pelo menos tão jovem, um livro lançado.

"Eu sempre digo que o concurso é de fundamental importância para aqueles que querem publicar sua primeira obra. Hoje em dia é muito complicado conseguir patrocínio e apoio de uma editora. Sem falar que é muito oneroso para o escritor publicar seu próprio livro", afirmou Waldílio.

O Concurso Novos Autores de 2009 premia com mil exemplares os melhores autores que se inscreverem nas categorias de "Pesquisa História sobre a Realidade Piauiense", "Ficção", "Poesia", "Peça Teatral" e "Literatura Infantil". Apesar da oportunidade, a quantidade de pessoas que concorrem ao prêmio parece demonstrar o pouco interesse de novos escritores em publicar suas obras. Segundo o coordenador de Editoração da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, no ano passado, apenas 50 pessoas se inscreveram. "Isso acaba sendo contraditório, já que todos os dias vêm algum autor pedindo para que a Fundação financie a publicação de seu livro", comenta.

O Jornal O DIA, em parceria com a Fundação Quixote, realiza há quatro anos o Concurso Jovens Escritores. Em 2009, um dos premiados foi Aluísio Rafael Lima, de 8 anos. Apesar da pouca idade, o garoto escreveu, com maturidade de gente grande, a frase ganhadora do concurso na categoria Ensino Fundamental Menor (1º e 2º anos): "A vida do vaqueiro é de luta e suor. Apesar do sofrimento, ele ainda é um vitorioso". Leitor voraz - na medida que a idade permite - de livros infantis e histórias em quadrinhos, o pequeno Aluísio sonha em se profissionalizar quando crescer. Se depender do talento prematuro e do gosto pela leitura, o jovem escritor tem boas chances para ocupar um lugar entre os futuros escritores piauienses.



TORQUATO NETO

Denominações	Data	Características gerais
Geração de 1850	1859	Empirismo, Individualismo, Subjetivismo
Geração de 1900	1900	Racionalismo, Cientificismo, Objetivismo
Geração de 45	1949	Formalismo, Subjetivismo, Expressionismo
Geração de 60	1964	Informalismo, Contracultura, Performatismo, Experimentalismo
Geração de Pós 69	1972	Informalismo, Massificação, Experimentalismo
Geração de 1990	1994	Desutopias, Ultraindividualismo, Ciberespaço/Virtualidades

Você já escolheu suas marcas inesquecíveis



Elas estão aí, guardadinhas no seu coração e quando menos você espera elas vem à sua lembrança. Elas fazem parte do mundo das Marcas Inesquecíveis: empresas, produtos e serviços que se destacam pela qualidade de atuação no mercado, pela maneira criativa como fazem suas propagandas, mas principalmente, pelo jeito carinhoso como atendem os clientes. Elas são as preferidas pela maioria. E a maioria não pode estar errada.

Fique de olho e descubra em agosto quem são elas.
Quem conquistou seu coração merece esse prêmio



**Marcas
Inesquecíveis
2009**

PESQUISA



APOIO



REALIZAÇÃO





O tempo não espera ninguém

No início dos anos 80, no festival promovido pela Rede Globo, a composição O Tempo, de Reginaldo Bessa, não chegou a ser classificada, mas chamou a atenção de poetas e pessoas que se sentiram tocadas pelo refrão: "O tempo não para no porto/Não apita nas curvas/Não espera ninguém". Outro trecho diz: "Tempo é areia que escapa/Até entre os dedos do amor/Depois, é o vazio, é o nada/É areia que o vento levou".

O livro "O Viajante", de Daren Simkin, ilustrações de Daniel Simkin e Daren Simkin, editado pela Editora Objetiva Ltda, corre nessa mesma linha - de rara beleza.

A leitura simples, que lembra clássicos como O Pequeno Príncipe e Fernão Capelo Gai-vota, revela uma verdade indiscutível: o tempo não espera ninguém. O menino Charlie decide deixar a casa dos pais, na ânsia de viver uma grande aventura. Sob o sol, pega uma grande mala e coloca ali todo o tempo que lhe resta: décadas, anos, meses, dias, horas, segundos... Despede-se de todos e segue em busca de um local que valha a pena gastar todo o tempo que lhe resta.

Continuando a viagem, Charlie passa por florestas, desertos, por mares, cidades... Nada lhe parece valer a pena; não poderia gastar seu tempo com aquilo; queria mais. De repente, olha em volta e vê que deu uma volta ao mundo, voltando para casa e, o restante, caro leitor, vai ficar por sua conta: compre o livro e se delicie. Pense no agora, no hoje...

Daren Simkin

Ilustrações de Daniel Simkin e Daren Simkin



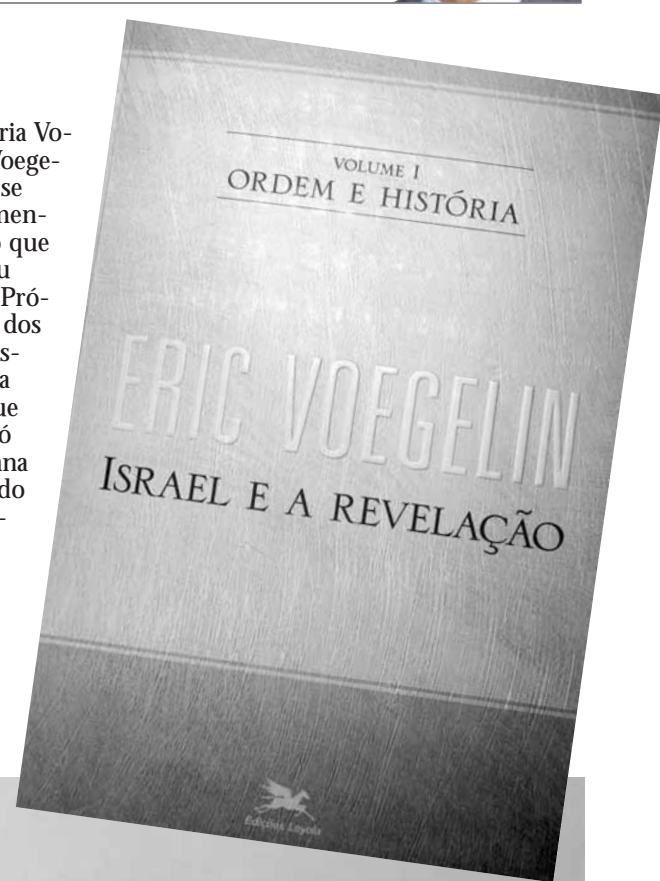
ENTRELETRAS

MARCO VILARINHO
jornalodia@jornalodia.com.br



Israel e a revelação

Lançado pela Edições Loyola, "Ordem e História Volume 1: Israel e a Revelação", autoria de Eric Voegelin, é a mais completa análise filosófica de que se dispõe sobre a visão histórica do Antigo Testamento. A obra é o primeiro volume de um trabalho que traça a história da sociedade humana, desde seu surgimento nas civilizações do antigo Oriente Próximo até o período moderno. Voegelin foi um dos poucos filósofos políticos a incluir a sociedade israelense como parte da busca da ordem política na história. De acordo com Eric Voegelin, o que ocorreu em Israel foi um passo decisivo, não só para a história, mas também na tentativa humana de realizar a ordem na sociedade. Ainda segundo o autor, a singularidade de Israel está em ter sido o primeiro a criar história como forma de existência: o reconhecimento pelos seres humanos da sua existência sob um Deus transcendente - avaliando suas ações como conformidade ou contraposição à vontade divina. O livro tem 592 páginas, uma tradução de Cecília Camargo Bartolotti e pode ser adquirido pelo site: www.loyola.com.br.



A moda na sala de aula

Simplesmente primoroso. O livro "História do Uniforme Escolar no Brasil", autoria de Furio Lonza, foi lançado pela Rhodia, com o Ministério da Cultura e Lei Rounet para ser distribuído para escolas e bibliotecas do país, em 2005. Infelizmente, a obra teve pouquíssima divulgação. Oferecida a editoras, nenhuma delas demonstrou interesse na sua edição. Perde com isso a população brasileira que poderia ter em mãos um trabalho grandioso, belo, com textos muitos bons e fotos, muitas fotos que contam a história do fardamento escolar no Brasil.

A origem do termo "fardamento" está na sua inspiração na farda do Exército brasileiro, no final do século 19 para início do século 20. Meninos eram "homenzinhos" engalanados que faziam educação física vestidos em verdadeiras armaduras. Com o passar do tempo, esses trajes escolares foram se modificando, tornando-se leves - até chegar às calças jeans.



História do UNIFORME ESCOLAR no Brasil

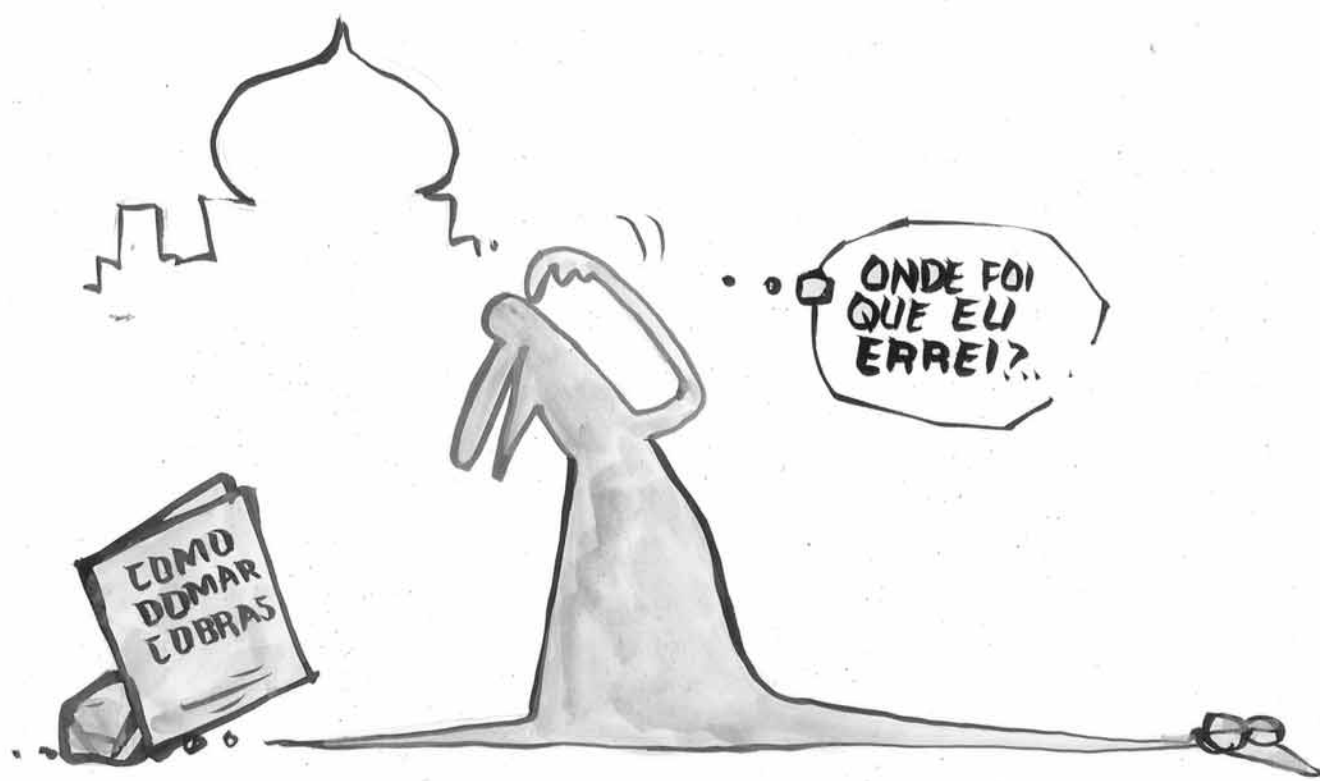
Furio Lonza



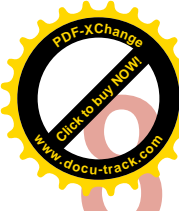
GARATUJAS

Jota A
jornalodia@jornalodia.com.br - (86) 2106-9924

É O BICHO!



leia mais no meu blog:
www.jota-a.blogspot.com



Katya Cilene
prisma@jornalodia.com.br

PRISMA

Fotos: Katya Cilene



Cheia de charme a estudante Gabriella Lages que ontem comemorou seus 15 anos ao lado dos pais Carla Carvalho e Carvalho Neto

"Qualquer um vira gay depois do sucesso"

Frase do cantor Luciano quando perguntado se se irrita com os boatos sobre sua sexualidade



No cliCK a arquiteta Adélia Ibiapina fazendo uma tour pela noite de São Paulo a bordo de uma luxuosa Limousine. Chiquérrima!



O publicitário Breno Brito e a estudante Carolina Meneses curtiram a praia do Coqueiro no último fim de semana no estilo "Só Love"



O jornalista Caco Barcellos, que estará em Teresina no dia 10

Antenados

A produção de merchandising que fez "nevar" na Fazenda (programa da Rede Record) para divulgar o VICK foi no mínimo bem criativa. "Pode nevar, eu uso Vick" surpreendeu os participantes que caíram na brincadeira. Essa forma de anunciar está dando um show de resultados para os clientes. Segundo o painel de Merchandising /Datafolha, os produtos Coca-Cola e Ace têm o merchandising mais lembrado de A Fazenda.

Mercado publicitário

Internet em alta no mercado publicitário do país, tanto que o livro "Mídia de A a Z", que é muito utilizado nas universidades brasileiras desde 2002, está sendo relançado após seis meses de atualização. Essa terceira edição traz sete capítulos adicionais que, segundo Veronezzi (publicitário e autor do livro), foram elaborados principalmente em função do grande desenvolvimento dos meios internet e televisão.

Juventude

Quem completou 15 anos ontem foi a linda Gabriella Lages, filha dos empresários Carla Carvalho e Carvalho Neto. A data foi comemorada com um jantar para os familiares e muitos mimos para a aniversariante.

Terapeuta naturista

A Beleza & Cia está agregando mais um serviço aos procedimentos relaxantes do centro estético. Agora uma terapeuta naturista cuida pessoalmente de serviços como acupuntura sistêmica, moxabustão, shiatsu e outros de relaxamento.

Profissão repórter

O jornalista Caco Barcellos com certeza tem muito o que falar sobre sua profissão. Ele estará em Teresina no dia 10 de agosto para uma palestra destinada a jornalistas, estudantes de jornalismo e o público em geral.

Festluso 2009

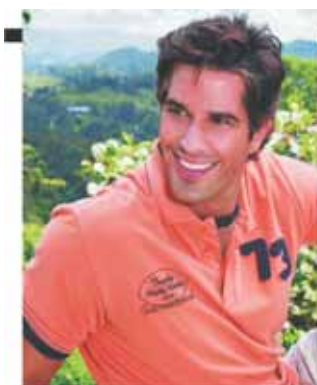
Dia 10 de agosto acontece em Teresina o lançamento do 2º Festival de Teatro Lusófono. O evento se dará no Espaço Cultural Trilhos, às 20h. Com apresentações gratuitas em vários pontos da cidade, como Theatro 4 de Setembro, Teatro João Paulo II, Teatro do Boi e Teatro Estação, o Festluso trará ampla programação à cidade no período de 23 a 29 de agosto.

Sesquicentenário

Os "caminheiros" da Av. Raul Lopes estão contando nos dedos o dia de ter a melhor visão da nova ponte sobre o rio Poti, a Ponte Sesquicentenário, que será um diferencial na administração do prefeito Silvío Mendes, possível candidato ao governo do Estado.



Shênia Magalhães faz caras e bocas em estilo chic com peças da Bijuterri semi jóias e decorações do Riverside Shopping pelas lentes de Cícero Cardoso



ADJI
Menswear

Teresina Shopping • Riverside Shopping



TOQUE
TF
FINE

86.3220-2612

© Toque que faltava em você!

PRESENTEIE QUEM VOCÊ AMA
com o programa Corpo, Mente e Equilíbrio:
pais, namorados, aniversariantes
formandos, noivos, etc.

5X sem juros
cheque ou cartão

- Podologia
- Controle da Oleosidade da Pele (PH)
- Ritual Kerabiotic (contra queda, caspa, seborréia; indicado para couro cabeludo sensibilizado)
- Limpeza de pele.



Rua General lages, 2305 | Jockey Clube | 86 2107-8787 / 3223-0652 | www.belezaecia.com

promoção válida até 31/12/2009

